

As representações de civilidade nas páginas do jornal estudantil “Folha Juvenil” (Cuiabá-MT-BR)

Elizabeth Figueiredo de Sá, Thalita Vargas de Castro & António Gomes Ferreira

Resumo

O Liceu Cuiabano foi a primeira instituição pública de ensino secundário, instalada em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, no ano de 1879. A escola tinha como objetivo preparar especialmente os filhos daqueles que pertenciam à elite mato-grossense para ter acesso aos cursos de nível superior. Além disso, ofertava oportunidades para que os jovens assumissem postos de liderança e que aprendessem a agir como articuladores, tais como na atuação em grêmios estudantis e na produção de periódicos, dentre os quais destacamos a Folha Juvenil. Deste modo, este artigo pretende responder: quais os comportamentos sociais são considerados como civilizados para os articulistas da Folha Juvenil? O presente artigo tem como objetivo analisar o periódico estudantil Folha Juvenil, produzido pelos alunos secundaristas do Liceu Cuiabano, com vistas a perceber as representações de civilidade materializadas nas matérias publicadas. O período delimitado da pesquisa perfaz o ano de 1937, quando o periódico foi produzido e circulou dentro e fora dos muros escolares. O referencial teórico sustenta-se no conceito de representações sociais, proposto por Roger Chartier, e de civilidade, de Norbert Elias. A análise permitiu-nos concluir que os colaboradores do periódico tratavam sobre as condutas de civilidade não só dos liceístas, como da sociedade cuiabana em geral, materializando suas representações sobre o comportamento ideal para se viver em uma sociedade urbana e moderna.

Palavras-chave:

liceu; periódico; civilidade; ensino secundário.

The civility representations in the pages of the student journal “Folha Juvenil” (Cuiabá-MT-BR)

Abstract: *Liceu Cuiabano* was the first secondary education public institution, installed in Cuiabá, Mato Grosso, Brazil, in 1879. The school aimed to prepare especially the children who belonged to the elite of Mato Grosso to have access to higher education courses. In addition offered opportunities for young people to assume leadership positions and to learn to act as articulators, such as: acting in student unions and producing magazines, among which we highlight *Folha Juvenil*. Therefore, this paper intends to answer: Which social behaviors are considered civilized by *Folha Juvenil* writers? Thus, this work aims to analyze the student journal *Folha Juvenil*, produced by high school students from *Liceu Cuiabano*, in order to understand the representations of civility materialized in the published articles. The delimited period of the research is in the year of 1937, when the journal was produced and circulated inside and outside the school walls. The theoretical framework is based on the concept of social representations, proposed by Roger Chartier, and civility, by Norbert Elias. The analysis allowed us to conclude that the journal's collaborators dealt with the civility conducts not only of the high school students, but also of the society of Cuiabá in general, materializing their representations about the ideal behavior to live in an urban and modern society.

Keywords: high school; magazine; civility; secondary school.

Las representaciones de civilidad en las paginas de la revista estudiantil “Folha Juvenil” (Cuiabá-MT-BR)

Resumen: *Liceu Cuiabano* fue la primera institución pública de educación secundaria, instaló en Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, en 1879. La escuela tenía como objetivo preparar especialmente a los hijos de la élite de Mato Grosso para tener acceso a la educación superior. Además ofreció oportunidades para que los jóvenes asumieran posiciones de liderazgo y aprendieran a actuar como articuladores, como actuar en sindicatos estudiantiles y producir periódicos, entre los que destacamos *Folha Juvenil*. Entonces, este artículo pretende responder: ¿Qué comportamientos sociales son considerados civilizados por los escritores de la *Folha Juvenil*? Así, este trabajo tiene como objetivo analizar la revista estudiantil *Folha Juvenil*, producida por estudiantes de secundaria del *Liceu Cuiabano*, para comprender las representaciones de civismo materializadas en los artículos publicados. El período delimitado de la investigación comprende el año 1937, cuando la revista fue producida y circulada dentro y fuera de los muros de la escuela. El marco teórico se basa en el concepto de representaciones sociales, propuesto por Roger Chartier, y de civismo, por Norbert Elias. El análisis permitió concluir que los colaboradores de la revista se ocuparon de las conductas de civismo no sólo de los estudiantes de secundaria, sino de la sociedad de Cuiabá en general, materializando sus representaciones sobre el comportamiento ideal para vivir en una sociedad urbana y moderna.

Palabras claves: liceo; periódico; civilidad; enseñanza secundaria.

Les représentations de civilité dans les pages du journal étudiant «Folha Juvenil» (Cuiabá-MT-BR)

Resumé: Le Lycée Cuiabano a été la première institution publique d'enseignement secondaire, installée à Cuiabá - Mato Grosso - Brésil en 1879. Il avait pour objectif de préparer spécialement les enfants de ceux qui appartenaient à l'élite mato-grossienne à avoir accès aux cours de niveau supérieur. En plus offrait aux jeunes la possibilité de prendre des postes de direction et d'apprendre à agir en tant qu'articulateurs, tels que la participation à des associations d'étudiants et à la production de périodiques, parmi lesquels nous soulignons la « Folha Juvenil ». Cet article vise à répondre : Quels comportements sociaux sont considérés comme civilisés pour les articulistes de la *Folha Juvenil*? Il vise à analyser dans le journal étudiant *Folha Juvenil*, produit par les élèves secondaires du lycée Cuiabano, dans le but de réaliser les représentations de civilité matérialisées dans les matières publiées. La période délimitée de la recherche a été l'année 1937, lorsque le périodique a été produit et a circulé à l'intérieur et à l'extérieur des murs de l'école. Le référentiel théorique s'appuie sur le concept de représentations sociales, proposé par Roger Chartier et de civilité de Norbert Elias. L'analyse nous a permis de conclure que les collaborateurs du périodique traitaient des comportements de civilité non seulement des lycéens, mais de la société cuiabana en général, matérialisant leurs représentations sur le comportement idéal pour vivre dans une société urbaine et moderne.

Mots-clés : lycée; périodique; civilité; enseignement secondaire.

Introdução

O Liceu Cuiabano foi criado como uma instituição de ensino secundário instalada na capital da Província de Mato Grosso – Brasil, na cidade de Cuiabá, pela Lei Provincial n.º 536, de 3 de dezembro de 1879, com a denominação de Lyceu de Línguas e Ciências. Seu ensino equiparava-se ao Ginásio Nacional, posteriormente, denominado de Colégio Pedro II, localizado na capital do Império, na cidade do Rio de Janeiro. Deste modo, a escola tinha como objetivo ofertar instrução e normas de comportamento aos seus estudantes para que estes tivessem condições para exercer a sua cidadania e, ao receber o certificado no grau de Bacharel em Ciências e Letras, adentrar em qualquer instituição de ensino superior brasileira (Mato Grosso, Regulamento, 1926).

A instituição era mantida pelo governo estadual e tornou-se referência em Mato Grosso, sendo responsável por formar muitos dos filhos da elite mato-grossense, sobretudo do sexo masculino. Segundo Dallabrida e Souza (2014), a própria forma como o currículo dos Liceus foi organizada, com os cinco primeiros anos de cultura geral, conduzia para o caráter elitista, diferenciando da Escola Normal, voltado para a formação de professores primários e, dos cursos técnicos, cujo objetivo era preparar e formar os jovens para o ingresso no mercado trabalho imediato.

Até o fim dos anos de 1920 foram instituídas diversas alterações curriculares no ensino secundário brasileiro, porém, esse continuava sem organicidade, havendo cursos preparatórios e de caráter propedêutico¹ em grande parte do Brasil. Os anos de 1930 iniciaram com o movimento revolucionário que colocou Getúlio Dornelles Vargas no poder², o qual, ao assumir, criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, direcionado por Francisco Campos. Este buscou instituir organicidade ao ensino secundário brasileiro por meio do Decreto-lei n.º 19.890, de 18 de abril de 1931, conhecido como Reforma de Francisco Campos, definindo um currículo seriado, com a frequência obrigatória, dividido em dois ciclos, um fundamental (de 5 anos) e outro complementar (de 2 anos), como requisito de aptidão para a entrada em um curso superior.

Além de ofertar as experiências curriculares voltadas para a formação de uma elite intelectual, as instituições de ensino secundário ofertavam oportunidades para que os jovens assumissem postos de liderança e que aprendessem a agir como articuladores, tais como na atuação em grêmios estudantis e na produção de periódicos.

No que se refere à atuação nos grêmios, identificamos algumas iniciativas desses movimentos estudantis no Liceu Cuiabano, entre os anos de 1920 e 1940, representadas nos Grêmios Literários Olavo Bilac³ e Machado de Assis⁴. Segundo Rodrigues (2015, p. 38), “[...] os grêmios funcionam como dispositivo de preparação e formação dos alunos que eram estimulados a produzir conhecimentos, a serem ativos e desenvolverem o espírito de responsabilidade, civismo e moralidade”.

Outra forma de associativismo estudantil foi com os periódicos produzidos pelos alunos do Liceu e que circularam entre as décadas de 1920 e 1930, dentre eles: *O Délio* (1931); *A Crisálida* (1926-1932); *O Liceísta* (1933); *O Estudante* (1934); *A Voz do Aluno* (1934); *O Mensageiro do Aluno* (1935); *Folha Juvenil* (1937). Segundo Hernández Díaz (2015), os periódicos escolares do ensino secundário se distinguem dos jornais produzidos por estudantes de escolas primárias, de universidades e de centros de ensino superior. Surgiram como resultado das experiências autônomas de adolescentes em determinadas escolas, onde os jornais elaborados por esses alunos se tornaram uma oportunidade de abordar a literatura, a poesia ou um escrito literário crítico às instituições a que pertencem.

Todas as iniciativas marcaram o protagonismo dos liceístas durante os seus processos de formação. Percebe-se, através desses movimentos, sobretudo dos jornais estudantis, a presença de posicionamentos críticos dos articulistas a diversas temáticas que variavam desde assuntos internos, que ocorriam no cotidiano do Liceu Cuiabano, até questões políticas e sociais que estampavam os debates da sociedade na época.

Dentre os jornais estudantis que circularam dentro e fora dos muros do Liceu Cuiabano, destacamos neste artigo as publicações da *Folha Juvenil*, que teve uma vida efêmera, sendo publicado somente 13 números no período de 10 de maio a 16 de novembro de 1937. Por ser editada por jovens da elite cuiabana, pressupõe-se que os artigos veiculados se constituem como a materialização das representações sociais de um determinado grupo social. Assim, este artigo pretende responder a seguinte questão: quais os comportamentos sociais são considerados como civilizados para os articulistas da *Folha Juvenil*?

Ademais, este artigo tem como objetivo analisar o periódico estudantil *Folha Juvenil*, produzido pelos alunos secundaristas do Liceu Cuiabano, com vistas a perceber as representações de civilidade materializadas nas matérias publicadas. O referencial teórico sustenta-se no conceito de representações sociais⁵, proposto por Roger Chartier (2011), e de civilidade, de Norbert Elias (1994).

Para responder às questões investigativas, organizamos o artigo em duas partes. A primeira trata sobre a materialidade do periódico estudantil *Folha Juvenil* e a segunda parte analisa os textos publicados que versam sobre as normas de conduta e de civilidade.

1. A *Folha Juvenil*: Organização e materialidade

A *Folha Juvenil* era um periódico dos alunos do Liceu Cuiabano com tiragem quinzenal. A equipe editorial era formada por Renato Pimenta, como redator-chefe, Afrânio Corrêa, aluno do 5º ano que ocupava a função de diretor, e na função de gerente/tesoureiro encontrava-se Joaquim Borges de Albuquerque, aluno do 4º ano.

O primeiro era filho do desembargador Palmiro Pimenta que, além de fundar e dirigir a Faculdade de Direito de Cuiabá, colaborou com vários jornais locais (Mendonça, 1977). Posteriormente, tornou-se advogado como seu pai. O segundo, Afrânio Corrêa, era filho do Dr. Caio Corrêa e, ao concluir o Liceu, cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (Nolasco, 2015). Já o terceiro, gerente do jornal, era filho de um engenheiro que havia proposto ao Interventor Federal do estado a construção de um pequeno trecho de estrada para automóveis, visando a ligação de Mato Grosso com Belém do Pará, "como solução mais viável para a salvação do norte do Estado era pela intensificação pelo Araguaya e Tocantins [...]" (Folha Juvenil, n.º 8, 1937h, p. 1).

Nota-se que os que ocupavam as posições centrais do periódico eram integrantes da elite cuiabana, portanto, as ideias que circulavam não espelhavam as representações das camadas populares da sociedade. Afrânio Corrêa, em entrevista para Nolasco (2015), relata que:

[...] O grupo de jovens que organizava este jornal não se misturava muito, era meio uma elite intelectual; havíamos nós e o grupo que tinha o grêmio literário e que se destacava mais. Éramos uma elite dos alunos, uma panelinha. O jornal era maneira de demonstrar que fazíamos parte daquela elite. Mostrar uma supremacia intelectual, uma capacidade. Uma vantagem outra é que conseguíamos prestígio no próprio colégio, ingressando num grupo de líderes intelectuais. Eu era de família rica, andava a cavalo, de motocicleta, me destacava dos demais e, para comprovar esse destaque, eu fazia o jornal. Era a única forma na época de se destacar (Corrêa, 2011, cit. por Nolasco, 2015, p. 234).

Tal depoimento aponta para uma das finalidades do periódico, não oficial, que era a disputa do lugar de prestígio na sociedade. A respeito, Elias escreve:

Alguém que não pode mostrar-se de acordo com o seu nível perde o respeito da sociedade. Permanece atrás de seus concorrentes numa disputa incessante por status e prestígio, correndo o risco de ficar arruinado e ter de abandonar a esfera de convivência do grupo de pessoas de seu nível e status [...] (Elias, 2001, p. 86).

Assim, colocar-se à frente de instâncias influenciadoras dentro do Liceu, tais como grêmio, clubes, edição de periódicos, associações, entre outros, era considerado mais do que uma ação liceísta, era uma projeção do seu lugar social e a "garantia" de sua manutenção após a conclusão de sua formação, como foi o caso dos editores da *Folha Juvenil*.

Eles utilizaram o espaço impresso para a promoção pessoal, como destacado na coluna "Sociais" com a viagem de férias de Renato Pimenta para o Rio de Janeiro

com o Desembargador Palmiro Pimenta: “Com S. Excia. seguirá também o talentoso companheiro de redação estudioso liceísta Renato Pimenta uma das mais brilhantes esperanças da nossa terra” (Folha Juvenil, n.º 2, 1937b, p. 1); posteriormente, as qualidades de Joaquim Borges, “Aluno da 4ª série do Liceu Cuiabano, por seus méritos de disciplina e a aplicação que ele vem se colocando na vanguarda de seus companheiros” (Folha Juvenil, n.º 10, 1937i, p. 1).

Outro aspecto a ser considerado são as matérias veiculadas, o que podemos inferir que havia uma intencionalidade para a disseminação das ideias dos jovens da elite cuiabana, pois a *Folha Juvenil* circulava dentro e fora dos muros do Liceu Cuiabano. Na primeira edição, o redator declara que: “Desde muito preocupava-nos a fundação de um jornal no qual pudéssemos dar publicidade às nossas ideias. [...] Por meio da “Folha Juvenil”, daremos expansão às nossas ideias [...]” (Folha Juvenil, n.º 1, 1937a, p. 1). O periódico publicava artigos sobre cultura geral, escolar/educação, modernismo, civildade, civismo, ciências, cotidiano da capital, moral, política e economia.

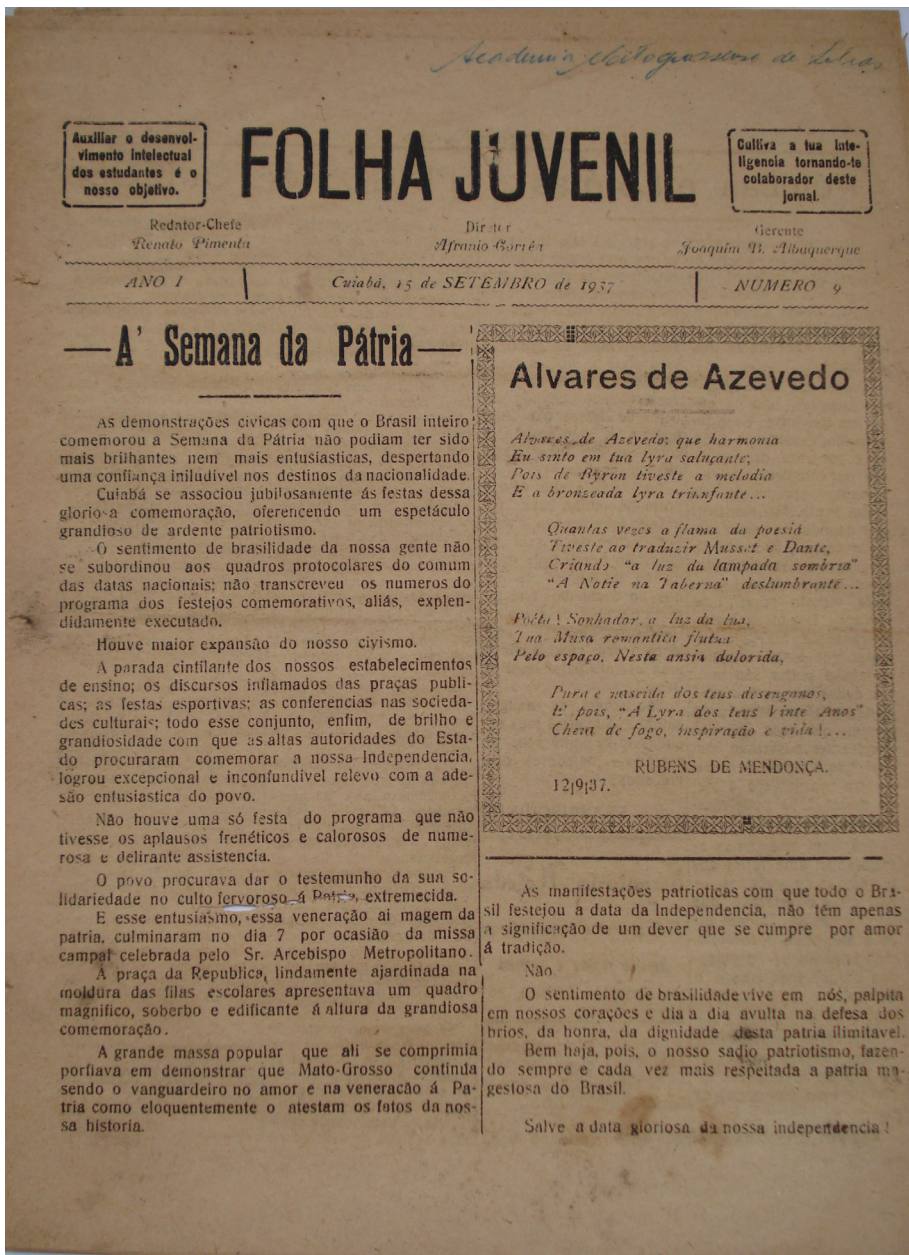
As reuniões para a escolha dos artigos ocorriam com a presença eventual de alguns alunos na casa de Afrânio Corrêa, diretor do periódico, de um colega ou nas dependências da escola, no horário dos intervalos. A correção ortográfica era feita na tipografia, pois seus redatores estavam cursando o 4º e 5º anos do Liceu, não dominando ainda as normas gramaticais (Nolasco, 2015). Nas reuniões de planejamento, organização das sessões, escolha de temáticas e disposição gráfica foi possível identificar o processo formativo desses jovens para a socialização e liderança, destacando que, no caso desse periódico, não havia representante do sexo feminino.

Quanto ao aspecto material, o periódico *Folha Juvenil* era formado por quatro páginas, que não possuíam uma ordenação sequencial das colunas. Em seu frontispício constava o nome, o objetivo do periódico, a equipe editorial e as informações quanto ao ano/data/edição.

Os exemplares geralmente eram impressos em uma tipografia localizada na Rua João Pessoa, n.º 133. Para a sua comercialização, a equipe distribuía os exemplares com uma restrição impressa na última página: “V. S. será considerado assinante se até o dia 14 do corrente, não for devolvido este jornal à Rua João Pessoa, 133”. (Folha Juvenil, n.º 1, 1937a, p. 4). O valor das assinaturas eram: 1\$000 por mês, 3\$000 por trimestre e 5\$000 por semestre.

As colunas eram compostas de 15% de artigos, 26% de crônicas, 13% de poemas e contos, 28% de comunicados sociais, 13% de anúncios e 5% de colunas de humor. Sobre a questão, Afrânio Corrêa esclarece que “[...] não tínhamos uma pauta definida para o jornal Juvenil. Tínhamos que preencher aquelas quatro folhas disponíveis. A gente escrevia um assunto qualquer, pegava assuntos culturais e escrevíamos como tarefas escolares. [...] Não tinha nada encomendado” (Corrêa, 2011 apud Nolasco, 2015, p. 247). Todavia, o que parecia ser uma tarefa simples, era imbuída de escolhas, de intencionalidades.

Figura 1
Capa do Folha Juvenil.



Fonte: Folha Juvenil, n.º 9, 1937.

Os colaboradores optaram por utilizar de pseudônimos, talvez para se resguardar para os colegas, temendo críticas. A família colaborava com o periódico, como no caso da família Albuquerque, da qual pai e filhos assinaram artigos. Ademais, cabe ressaltar a participação de apenas uma mulher, Maria Dimpina⁷, que, a convite, escreveu para o jornal. Assim, foi possível identificarmos nas páginas do periódico *Folha Juvenil* as representações de conduta e civilidade materializadas pelos seus articulistas, conforme iremos tratar a seguir.

Representações de conduta e civilidade nas páginas da *Folha Juvenil*

Ao pensarmos no conceito de civilização, devemos compreender que os seres humanos não são por sua natureza seres civilizados. Ao contrário disso, mesmo nas sociedades civilizadas, Elias (1994, p. 15) afirma que nenhum ser humano nasce civilizado e “[...] que o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social. [...] todo ser humano está exposto desde o primeiro momento da vida à influência e à intervenção modeladora de adultos civilizados”. Assim, para alcançar o modelo esperado pela sua sociedade, deve-se passar pelo processo civilizador desde o seu nascimento por meio da formação de suas consciências, mesmo que de forma involuntária, considerando que cada sociedade terá o seu próprio padrão e as suas normas de condutas a serem seguidas.

Segundo Elias (1994), esse processo civilizador transforma o comportamento humano nas suas práticas cotidianas daquilo que é considerado como bons modos e padrões a serem seguidos pelos indivíduos na sociedade. De modo que “[...] como quer que seja expresso, o código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma, que se torna elemento constituinte do indivíduo” (Elias, 1994, p. 189).

Ao analisarmos a ideia de civilidade presente nos artigos da *Folha Juvenil*, tomamos por base as diferentes representações dos articulistas de normas de condutas e de civilidade a partir do que consideravam socialmente ideal.

Desde a primeira edição, um articulista com pseudônimo de Francisquinho escreveu sobre o uso do tabaco. Ele alerta: “Não façam isso meus rapazes!... O fumar embrutece, embota a memória e causa tantos males a humanidade, que neste assumpto temos matéria para escrever e encher páginas e páginas” (Folha Juvenil, n.º 1, 1937a, p. 3). É interessante observar que o Liceu Cuiabano recebia alunos de ambos os sexos, mas o articulista volta-se somente para os rapazes, alertando-os por meio de uma expressão popular modificada para a situação tratada, assim impressa: “Diz-me como fumas, que te direi quem és” (Folha Juvenil, 3n.º 1, 1937a, p. 1). Com este discurso, é possível percebermos como o articulista traça uma série de comportamentos

que era esperado dos jovens da época, ou que não eram aceitáveis socialmente, ou considerados não civilizados para quem fuma.

A matéria faz ainda menção ao comportamento do homem para a sociedade da época, cujo projeto de nação girava em torno da modernização dos espaços urbanos e das ações esperadas para um homem moderno⁸, como é possível notar no trecho: "Quem traz o cigarro atrás da orelha é matuto" (Folha Juvenil, n.º 1, 1937, p. 1). Ser comparado a um "matuto" é ser concebido como um sujeito rural, não moderno, atrasado e, portanto, com comportamento inadequado para conviver no ambiente urbano e moderno. Francisquinho continua: "O homem que fuma diante das senhoras, nunca leu Manual algum de civilização" (Folha Juvenil, n.º 1, 1937a, p. 1). O articulista, ao mencionar um Manual de civildade, cita um instrumento de condicionamento imposto aos indivíduos, por meio de códigos de boas maneiras aos modelos civilizatórios desejados.

Em relação ao sexo feminino, o articulista é mais firme em suas colocações, destacando o lugar social das mulheres: "A mulher que fuma, quer tirar o direito do homem e perde totalmente a beleza moral do seu sexo".

A mulher que fuma, por deselegante os comentários passaremos por dizel-o, assim, por alto. Sendo a mulher a obra mais perfeita da Creação; não pode ser compatível com essa planta de Deus; o feio vício de fumar que desvirtuaria a exalação sublime, a harmonia do falar meigo, o perfume que aurimos dessa flôr mimosa que Deus nos deu para nosso enlevo e nosso encanto... Portanto, a mulher que fuma deve deixar o vício hoje ou se fôr uma escrava do vício, deve fumar escondido e nunca aos olhos da crítica [...] (Folha Juvenil, n.º 1, 1937a, p. 2).

A imagem feminina estava vinculada ao *falar meigo*, ao perfume de uma flor. Tal delicadeza não combinava com a mulher com um cigarro na boca, considerado vulgar, vergonhoso e errado socialmente para ela. Para Elias:

Juntamente com essa crescente divisão do comportamento do que é e não é publicamente permitido, a estrutura da personalidade também se transforma. As proibições apoiadas em sanções sociais reproduzem-se no indivíduo como formas de autocontrole. A pressão para restringir seus impulsos e a vergonha sociogenética que os cerca – estes são transformados tão completamente em hábitos que não podemos resistir a eles mesmo quando estamos sozinhos na esfera privada. Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância entram em luta no interior do indivíduo (Elias, 1994, p. 189).

Em seus artigos, o articulista expunha o comportamento aceito para o homem e para a mulher com relação ao uso do tabaco, provocando o sentimento de vergonha e ter que esconder-se do ambiente social para obedecer a determinadas normas de condutas que proibiam e que estigmatizavam certas atitudes em público.

O mesmo articulista continuou em outros exemplares, numa coluna intitulada “Pó-tócas e Lórótas”, a discursar sobre o uso do tabaco e sobre os códigos sociais de seu uso. Neles, ele classifica os fumantes em categorias: os fumadores gentis, “Quando pucham pela cigarreira, são ‘camaradas’ oferecendo aos presentes e elles têm aquillo como muita delicadeza oferecerem do seu tabaco aos outros” (Folha Juvenil, n.º 3, 1937c, p. 2); os fumadores de má-fé, que, após a refeição querem acender um cigarro, “[...]não percebem porque já estão calejados de praticarem esta brutalidade e insidindo elles nessa grosseria e como não querem ficar sosinhos nessa burrice fornecem do seu tabaco aos outros” (Folha Juvenil, n.º 3, 1937c, p. 2); o de alta etiqueta, “que depois de um jantar de ente, após saborearem bellas iguarias, finos doces dão-se ao luxo de molhar a ponta do charuto no cálix e “chartrez” para fumar?!” (Folha Juvenil, n.º 3, 1937c, p. 2); os fumadores filiantes, que não compram cigarro, “se todos fumam, para que a gente há de comprar” (Folha Juvenil, n.º 5, 1937, p. 2); os fumadores dietéticos, aqueles que recusam alimentos afirmando que estão fumando (Folha Juvenil, n.º 6, 1937f, p. 2); e, por fim, os fumadores ridículos e desfrutáveis, que ditam comportamentos sociais:

O fumar é vício e ordinariamente cada viciado tem seus trejeitos ridículos e seus cacoetes. Bastou que o primeiro – desfrutável - apparecesse com a inovação de bater com a ponta do cigarro na caixa de phosporos, sobre um móvel ou talvez mesmo sobre o tacão das botas, com tanto que tem que bater, porque é ‘moda’... é o ‘chiquismo’ do pedantismo fazer essa besteira; para pegar a ‘moda’ e hoje é de gente ‘chic’ bater a ponta do cigarro e alguns mais pândegos lançam um olhar em redor de si para ver se os circunstantes estão olhando e se estão achando bonito (Folha Juvenil, n.º 7, 1937g, p. 2).

Percebe-se que o articulista concebe o tabaco como uma questão social e de saúde que não deveria constar na sociedade civilizada, mesmo sendo considerado algo aceitável socialmente e símbolo de *status*.

Nesta seara, com o pseudônimo de Louquinho, um articulista publicou críticas sobre outro hábito considerado questionável socialmente: o uso de bebida alcoólica.

Outra grande tolice é o costume que o homem tem de se embriagar. Por meio de um “remédio” que se torna completamente louco pelo lapso de duas ou três horas! Ficar louco! Que prazer. Os adoradores deste vício sentem-se contentes

em fazer maluquices, brigar, jogar pedra, e outras tantas loucuras que praticam. Perdem completamente o sentimento nobre ou a moral que possuíam. Esquecem que pertencem á raça humana e ficam pelas ruas, a procura de rixas, perturbando a ordem pública até que sejam recolhidos á Polícia. O homem está mesmo perdido com costumes exóticos e imorais. Sim, costume, porque aquele que se embriaga tem o costume de faze-lo diariamente, gastando assim o seu dinheiro (*Folha Juvenil*, n.º 7, 1937g, p. 3).

Louquinho relaciona o uso do álcool com atitudes degradantes e "imorais". As representações de Louquinho, na coluna "Criticando", buscavam provocar reflexões sobre os costumes da época, com o intuito de readequar os padrões sociais daquilo que ele considerava como desnecessário, sem que, ao mesmo tempo, isso não prejudicasse a manutenção da ordem pública, da moral e dos bons costumes da sociedade cuiabana.

Sobre a questão higiênica, Louquinho faz algumas ressalvas quanto ao uso demasiado de vestimentas entre homens daquele período, em locais e horários considerados pelo autor como inapropriados devido ao calor da capital, que durante todo o ano prevalecem as altas temperaturas.

Observando os nossos costumes notamos "ratas" por todos os lados, a começar pelo nosso vestuário: A gravata que um homem usa, nada mais é do que um desajeitado enfeite, que ornaria apenas para o Carnaval. Aquele pedaço de pano multicolor é quasi um espantalho. E o nosso paletó, pára que serve? Para resguardar o corpo é que não é, pois para isso basta a camisa. Serve apenas para nos tirar a agilidade e proporcionar maior calor ao nosso corpo, já ultra quente devido o nosso clima tropical (*Folha Juvenil*, n.º 5, 1937e, p. 3).

Desse modo, Louquinho chama a atenção para o fato de que nem sempre o que é socialmente aceito, é o mais adequado. Embora pareça que o autor vá na contra-mão do que é considerado um comportamento civilizado, ele mostra que se apropria de um discurso amplamente veiculado na sociedade, principalmente institucional: o higienismo.

O movimento higienista, representado por um grupo seletivo, sendo a maioria médicos, ganha força no Brasil principalmente no início do século XX. Era preciso higienizar a população, de forma a mantê-la saudável e produtiva. O discurso higienista foi, gradativamente, penetrando em todos os setores da sociedade (família, escola, quartel, casa de prostituição, clubes, etc.) e formando hábitos saudáveis na população. Ser civilizado era sinônimo de ser limpo e cultivar bons hábitos de saúde. A vestimenta também era questão de saúde pública.

A publicação intitulada “Jovens”, de escrita anônima, destacou orientações diárias sobre como evitar doenças e promover a saúde.

O que devemos fazer todos os dias: Tomar um banho com água e sabão;
Limpar os dentes com escova, ao menos duas vezes por dia: de manhã e à noite;
Conservar-se ao ar livre durante algum tempo;
Fazer exercícios de ginástica;
Manter o corpo em boa posição, quer sentado, quer em pé;
Beber a maior quantidade possível de leite;
Comer bastante frutas e verduras nas refeições;
Lavar as mãos antes de se sentar à mesa;
Mastigar os alimentos cuidadosamente;
Dormir com as janelas abertas (*Folha Juvenil*, n.º 1, 1937a, p. 4, sublinhado do autor).

Na coluna “Pingos e Tópicos”, de autoria de Zé Povo, podemos perceber a crítica à postura dos cidadãos. Em um artigo, o colunista denuncia o costume de soltarem foguetes e bombas, o que para o articulista dava um “aspecto bárbaro à nossa capital”, visto que:

Cuiabá é uma cidade de certa cultura intelectual. Embora não seja dotada de enfeites artificiais, é um centro de civilização. Porém, o costume dos nossos homens de soltarem foguetes e bombas dá um aspecto bárbaro à nossa capital.

O foguete e a bomba trazem os inconvenientes:

- 1) vem patentear a barbaridade do povo, vem demonstrar ausência de civilização e cultura;
- 2) Traz horríveis incômodos a todos aqueles que tem o aparelho auditivo perfeito;
- 3) causa males à todas as pessoas nervosas, neurastênicas, e doentes em geral;
- 4) perturbam a paz dos lares.

E' uma medida que se faz mister ser observada essa: “*a proibição dos foguetes e bombas*” (*Folha Juvenil*, n.º 8, 1937h, p. 2, sublinhado do autor).

Podemos identificar neste excerto que, para o Zé do Povo, soltar foguetes e bombas representavam indícios de *ausência de civilização e cultura* por parte dos indivíduos por não prezarem pela vida em sociedade, causando incômodos às famílias. As críticas eram feitas com o propósito de mudar as condutas de civildade. Portanto, representam: “fases de um desenvolvimento que, além do mais, ainda continua. É bem possível que nosso estágio de civilização, nosso comportamento, venham despertar em nossos descendentes um embaraço semelhante ao que, às vezes, sentimos ante o comportamento de nossos ancestrais” (Elias, 1994a, p. 73).

Na coluna "Conselhos Sociaes", o articulista anônimo chama a atenção do leitor para a temática da indisciplina, afirmando que: "Infelizmente é este um defeito muito generalizado entre nós. Grandes e pequenos são indisciplinados por natureza" (*Folha Juvenil*, n.º 8, 1937h, p. 4). Sobre o assunto, disserta:

Entre estudantes grande número tem a preocupação de não obedecer, de não seguir as regras dadas. Recalcitram e fazem brutalidades quando são repreendidos nas suas indisciplinas. [...] Não é possível no entanto a vida sem regra, sem disciplina: todos tem que se sujeitar ás convenções sensatamente estabelecidas. Aquelles que não se submetem fazem a desgraça dos outros e também a sua na maioria dos casos. Se existem naturezas enérgicas e ricas, reagindo contra os maus hábitos tomados na adolescência, são ellas excepções. Mais vale não contar com isso e impor ás creanças o habito da disciplina a tempo. Prepara-se assim a sua felicidade e a dos outros. Agir de outra maneira é expol-as a soffrerem e a tornarem-se um verdade... o flagello, ou um fardo para a sociedade (*Folha Juvenil*, n.º 8, 1937h, p. 4).

Percebe-se que havia um padrão de cidadão que deveria "seguir as regras dadas", ou seja, seguir as normas de conduta que foram construídas socialmente a fim de viver em sociedade, mesmo que para isso seja necessário medidas enérgicas. Aos pais é imputada a responsabilidade pelo processo de inserção social da criança e do adolescente, por meio da obediência às normas sociais determinadas. A respeito, o articulista escreve:

É este o resultado da fraqueza dos paes, que não souberem inculcar aos filhos a idea do dever, da obediência. Com o pretexto se dar aos jovens mais personalidade e independência deixam-nos fazer tudo que querem. E muitas vezes vão longe que passam muito além do que é permitido.

Não é possível no entanto a vida sem regra, sem disciplina: todos tem que se sujeitar às convenções estabelecidas (*Folha Juvenil*, n.º 8, 1937h, p. 4).

Entre as normas de conduta, na coluna "Pingos e Tópicos", Zé do Povo destaca a união e o espírito colaborativo entre os estudantes como signo de brasilidade. "A união consiste em auxiliar o colega *intelectualmente e moralmente* nas aulas, nas sabatinas, nas provas" (*Folha Juvenil*, n.º 11, 1937j, p. 3, grifo do autor). Em outras palavras, ser cidadão é cuidar um do outro, é ter uma identidade nacional "e juntos lutaremos pelo Brasil imenso, por esta Pátria idolatrada" (*Folha Juvenil*, n.º 11, 1937j, p. 3).

Considerações finais

A *Folha Juvenil*, periódico estudantil do Liceu Cuiabano, foi pensada e organizada por rapazes pertencentes à elite cuiabana, os quais viram, nesse exercício, uma estratégia de exprimir suas ideias sobre várias questões e de se projetarem socialmente. Entre os diferentes assuntos abordados, os colaboradores do periódico tratavam sobre as condutas de civilidade não só dos liceístas, como da sociedade cuiabana em geral, materializando suas representações sobre o comportamento ideal para se viver em uma sociedade urbana e moderna.

Desse modo, abordaram sobre os vícios do tabaco e do álcool, criticando a postura de homens e mulheres; os modos de vestir diante da realidade climática da capital; os hábitos de higiene e de uma vida saudável; e os valores e os comportamentos de um cidadão brasileiro, que ama e honra a sua pátria, como disciplina, respeito e solidariedade.

Embora não saibamos a respeito do alcance do periódico, conjecturamos que, por ser o Liceu Cuiabano uma instituição modelar e de grande visibilidade no estado, o que era produzido dentro dele por seus estudantes tinha alta visibilidade social e era considerado pelas pessoas que o liam.

Notas

¹ Os cursos de caráter propedêutico eram aqueles que se referiam ao aprendizado prévio de uma matéria ou disciplina e introduziam conhecimentos básicos sobre um determinado tema/assunto.

² A Revolução de 1930 foi um movimento armado contra o Governo vigente, liderado por Getúlio Vargas, diante da insatisfação do mandato de Washington Luís e com objetivo de impedir a posse de Júlio Prestes, que havia sido eleito Presidente da República naquele ano. Esse movimento resultou na posse de Getúlio Vargas em 24 de outubro no cargo de Presidente, provocando mudanças políticas, sociais e econômicas na sociedade brasileira. O governo de Vargas foi marcado pelo processo de centralização e concentração do poder do Estado, que perdurou continuamente por quinze anos. O período ficou conhecido por Era Vargas e, que pode ser subdividido em três fases: a primeira corresponde ao Governo Provisório (1930 a 1934), a segunda caracteriza-se como Governo Constitucional (1934 a 1937) e, a terceira fase identifica-se pelo Estado Novo (1937-1945).

³ No Liceu Cuiabano, foi criado em 16 de maio de 1926. o Grêmio Liceísta Olavo Bilac.

⁴ Em 14 de abril de 1940, no Palácio da Instrução, ocorreu a sessão de instalação do Grêmio Literário Machado de Assis dos estudantes do Liceu Cuiabano.

⁵ O conceito de representações de Roger Chartier (2011) pode ser entendido como a percepção do real, em que suas divisões e classificações são estruturadas a partir das apropriações de tudo que faz parte do mundo social. Por isso que as representações são diferentes de acordo com o lugar que os grupos e as classes sociais ocupam e a partir das suas relações com o mundo social, sendo definidas conforme os interesses de quem as concebem. Embora simbólicas, podem ser individuais e/ou coletivas, definidas pelos determinantes culturais, pelos costumes, pelas relações de poder expressas na sociedade, dentre outros fatores. Assim, as representações são materializadas através das práticas dos sujeitos, que vão reproduzir suas estratégias e intencionalidades para atenderem aos seus interesses, não havendo neutralidade.

⁶ O tamanho não nos é possível mencionar porque os originais não se encontram disponíveis para consulta.

⁷ Cuiabana foi a primeira mulher a estudar no Liceu Cuiabano em uma época em que poucas tinham acesso aos estudos, formou-se em Ciências e Letras. Foi professora e escritora, fundou o Colégio Particular São Luiz. Além disso, criou junto com outras mulheres o “Grêmio Literário Júlia Lopes” e a revista feminina “A Violeta”, bem como escreveu nas colunas de jornais de Mato Grosso.

- * Sobre a temática ver o trabalho: Buzato, G. F. (2017). Transformações urbanas em Cuiabá e a formação do cidadão moderno (1937-1945). [Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso] Instituto de Educação.

Referências

- Chartier, R. (2011). Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, 13 (23), 15-29.
- Dallabrida, N. & Souza, R. F. (2014). O todo poderoso império do meio: transformações do ensino secundário entre a Reforma Francisco Campos e a primeira LDBEN (à guisa de apresentação). In N. Dallabrida, N. & R. F. Souza (Org.). *Entre o ginásio de elite e o colégio popular: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961)* (pp. 11-30). EDUFU.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador*. Jorge Zahar Ed.
- Elias, N. (2001). *A Sociedade da Corte*. Jorge Zahar Ed.
- Hernández Díaz, J. M. (2015). La prensa de los escolares y estudiantes y otra prensa pedagógica: introducción. In J. M. Hernández Díaz (Org.). *La prensa pedagógica de los escolares y estudiantes: su contribución al patrimonio histórico educativo*. Ediciones Universidad de Salamanca.
- Mendonça, R. (1971). *Dicionário Biográfico Mato-grossense*. Editora Rio Bonito.
- Mato Grosso. (1926). *Regulamento do Lyceu Cuyabano*. Arquivo Público do estado de Mato Grosso.
- Nolasco, S. R. (2015). *O Fazer-se Cidadão: O Jornalismo Estudantil nas Décadas de 1920 e 1930 no Liceu Cuiabano em Mato Grosso*. [Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso].
- Rodrigues, S. P. (2015). *Com a palavra, os alunos: associativismo discente no grêmio literário Clodomir Silva*. [Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Sergipe].

Periódicos

- Folha Juvenil*. (1937a). Jornal Estudantil Independente. N. 1, 10/05/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.
- Folha Juvenil*. (1937b). Jornal Estudantil Independente. N. 2, 30/05/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.
- Folha Juvenil*. (1937c). Jornal Estudantil Independente. N. 3, 16/06/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.
- Folha Juvenil*. (1937d). Jornal Estudantil Independente. N. 4, 26/06/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.
- Folha Juvenil*. (1937e). Jornal Estudantil Independente. N. 5, 15/07/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.
- Folha Juvenil*. (1937f). Jornal Estudantil Independente. N. 6, 30/07/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.

Folha Juvenil. (1937g). *Jornal Estudantil Independente*. N. 7, 15/08/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.

Folha Juvenil. (1937h). *Jornal Estudantil Independente*. N. 8, 31/08/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.

Folha Juvenil. (1937h). *Jornal Estudantil Independente*. N. 9, 15/09/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.

Folha Juvenil. (1937i). *Jornal Estudantil Independente*. N. 10, 30/09/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.

Folha Juvenil. (1937j). *Jornal Estudantil Independente*. N. 11, 15/10/1937. Cuiabá-MT: Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá.

Elizabeth Figueiredo de Sá

Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação-UFMT
-Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT

Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória – GEM/UFMT

Email: elizabethfsa1@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5861-7535>

Thalita Pavani Vargas de Castro

Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação-UFMT

Membro do Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória – GEM/UFMT

Email: thalitapavani@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5229-3982>

António Gomes Ferreira

Universidade de Coimbra

Diretor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da

Universidade de Coimbra

CEIS20-Centro de Estudos Interdisciplinares- Universidade de Coimbra

Email: antonio@fpce.uc.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3281-6819>

Correspondência

Thalita Pavani Vargas de Castro

R. Quarenta e Nove, 2367 - Boa Esperança, Cuiabá - MT, 78060-900, Brasil

Data de submissão: dezembro de 2022

Data de avaliação: novembro de 2023

Data de publicação: dezembro 2023